# Dia 4 — São Francisco de Assis, Confessor

## Martirológio Romano

A ditosa morte de São Francisco, confessor, fundador da Ordem dos Menores, em Assis, na Umbria: cuja vida, cheia de santas obras e de milagres, escreveu São Boaventura. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O glorioso triunfo dos santos Crispo e Caio, em Corinto; dos quais faz menção São Paulo escrevendo aos Coríntios. (Diz na I, cap. 1: «Graças a Deus, porque não batizei a nenhum de vós senão a Crispo e Caio, para que ninguém diga que fostes batizados em meu nome.» E na Carta aos Romanos, cap. 16, diz também: «Saúda-vos Caio, meu hóspede, e toda a Igreja.» Destas palavras têm inferido alguns que São Paulo vivia em Corinto na casa de Caio, o qual tinha suas portas abertas a todos os pobres, principalmente aos cristãos.)

Os santos mártires Marcos e Marciano, irmãos, e uma multidão quase inumerável de pessoas de ambos os sexos e de todas as idades; dos quais uns, depois de os haverem açoitado, outros, depois de os haverem cruelmente atormentado de várias maneiras, foram lançados às chamas, outros submergidos no mar, alguns degolados, muitos mortos de fome, outros crucificados, outros pendurados pelos pés de cabeça para baixo; alcançando todos a preciosíssima coroa do martírio.

São Pedro, bispo e mártir, em Damasco; o qual, tendo sido acusado ao príncipe dos árabes de que catequizava os infiéis, depois de lhe haverem cortado a língua, as mãos e os pés, crucificaram-no e alcançou a palma do martírio.

Os santos presbíteros e diáconos Cato, Fausto, Eusênio, Queremão, Lúcio e seus companheiros, em Alexandria: dos quais uns foram martirizados na perseguição de Valeriano, outros, servindo aos Mártires, conseguiram a recompensa do martírio.

São Hieroteu, em Atenas, discípulo do apóstolo São Paulo. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

São Petrônio, bispo e confessor, em Bolonha, esclarecido em santidade, doutrina e milagres.

Santa Aurea, virgem, em Paris.

# São Francisco de Assis, Confessor

O grande patriarca São Francisco, tão célebre em todo o universo pelo brilhante resplendor de suas virtudes, admiração do mundo cristão pelo total desprendimento dos bens da terra e um dos maiores Santos que venera a Igreja em seus altares, foi natural da cidade de Assis, na província da Umbria. Viu a primeira luz do mundo no ano de 1182 e nasceu num humilde estábulo, onde pegaram sua mãe de repente as dores do parto, e ali mesmo o pariu, querendo o Senhor que o que havia de fazer uma vida tão parecida com a de Jesus Cristo o imitasse até no lugar de seu pobre nascimento. Seu pai Pedro Bernardone e sua mãe Pica eram mercadores e viviam do comércio. Chamou-se-lhe João no Batismo; mas depois se lhe deu o nome de Francisco pela facilidade com que aprendeu a língua francesa, necessária então aos comerciantes da Itália para negociar.

Não puseram seus pais o maior cuidado em sua boa educação. Logo que tomou uma leve tintura das primeiras letras, aplicaram-no ao comércio. Era Francisco moço de entendimento, de boa disposição, de coração nobre e generoso, muito compassivo das necessidades alheias; seus modos atentos, gratos, afáveis e naturalmente airosos e cortesãos o distinguiam muito entre os demais mancebos de sua profissão e lhe ganhavam os corações de todos. Gostava mais da diversão que do interesse; mas tinha horror à dissolução, e sua admirável paixão desde a mesma infância foi a caridade. Era para ele um grande tormento não poder dar esmola ao pobre que lha pedia. Pediu-lha em certa ocasião um mendigo, ao tempo em que estava vendendo não sei que gênero; e tendo-lha negado, ou por inadvertência ou por não interromper a venda, foi tanta sua dor que correu imediatamente atrás do mesmo mendigo, deu-lhe todo o dinheiro que levava consigo e prometeu a Deus não negar esmola daí em diante a pobre algum que lha pedisse.

Não eram para ele nem o ruído da negociação nem o ar de um balcão. Eram muito diferentes os intentos do Senhor; mas a dissipação de Francisco não lhe permitia compreender estes mistérios, até que um suceso de pouco gosto o fez entrar algo mais dentro de si mesmo. Em certa diferença que os vizinhos de Assis tiveram com os de Perúgia, foi Francisco um dos mais acalorados na defesa de seus direitos. Tomaram uns e outros as armas, vieram às mãos e, ainda que Francisco se assinalou muito por seu valor, foi feito prisioneiro e como tal esteve um ano em Perúgia. Este retiro começou a desgostá-lo do mundo, mas não o converteu. Logo que logrou sua liberdade viu-se acometido de uma longa e molesta enfermidade, que nem por isso o fez mais devoto. Quando convaleceu dela mandou fazer um vestido rico e muito da moda. No mesmo dia em que o estreou encontrou-se com um homem muito conhecido, mas muito pobre, coberto de uns indecentes andrajos; deu-lhe seu vestido novo e ele acomodou-se com seus trapos. Na noite seguinte pareceu-lhe ver em sonhos um magnífico palácio, cheio todo ele de armas resplandecentes e brunidas, mas todas marcadas com o sinal da cruz. Despertou e persuadiu-se, sem a menor dúvida, de que a Providência o destinava para ser um grande capitão. Com esta ideia exaltou-se-lhe mais aquela grande paixão que tinha pela glória. Partiu imediatamente à Apúlia e ofereceu seus punhos e seu valor a Gautier, conde de Brienne, que, auxiliado por Filipe Augusto, rei da França, mandava naquela província um numeroso exército contra os inimigos de sua casa; mas logo tornou a chamá-lo a Assis outro misterioso sonho, em que o Senhor lhe deu a entender que não queria que servisse a outro amo que a ele. Compreendeu então que a milícia a que o chamava o superior destino era inteiramente espiritual; que ele mesmo e suas paixões eram os inimigos que devia combater.

Restituído, pois, a Assis, deixou o comércio e só tratou de conhecer a vontade de Deus para dedicar-se ao que Sua Majestade queria dele.

Saindo um dia a passear a cavalo pelo contorno de Assis, encontrou um pobre leproso, que no princípio o encheu de nojo e horror; mas refletindo no mesmo ponto que, para seguir a Jesus Cristo, era mister dar princípio vencendo-se a si mesmo, sem mais deliberar apeia-se intrepidamente do cavalo, aproxima-se do leproso, abraça-o, beija-o, dá-lhe todo o dinheiro que levava, volta a montar e ficou gostosamente admirado e surpreendido quando nem ali nem em toda a campina viu o leproso nem descobriu outra pessoa alguma. Enterneceu-o muito este suceso e desde então resolveu não pensar em outra coisa que em caminhar à perfeição, não achando já gosto em nada senão na oração, no retiro e na solidão. Desfazia-se um dia em lágrimas lembrando-se de suas culpas passadas e apareceu-lhe Jesus Cristo crucificado, como a ponto de expirar. Enterneceu-o muito mais este espetáculo, e foi tanta a impressão que fez em sua alma que no resto de sua vida não acertava a falar da paixão de Jesus Cristo senão com soluços, com gemidos e com um copioso pranto.

Mas não foi este só o efeito que produziu em seu coração aquele divino objeto. Apoderou-se tão violentamente dele um ardentíssimo desejo de imitar a pobreza e os trabalhos de Cristo que já não achava gosto senão em estar com os leprosos e com os pobres. Fez uma viagem a Roma para visitar o sepulcro dos santos Apóstolos; ao sair da igreja encontrou à porta uma tropa de pobres que estavam pedindo esmola aos devotos; repartiu entre eles todo o dinheiro que levava; deu seu vestido a um que estava meio nu; cobriu-se ele com seus asquerosos farrapos e, misturando-se entre os demais mendigos, passou com eles todo aquele dia. Era Francisco naturalmente presumido e asseado, gostando muito não só da limpeza, mas da magnificência no vestido; mas aquela nobre vitória extinguiu inteiramente nele uma e outra paixão: de maneira que parecia ter nascido nele a humildade e o abatimento, sendo desde aquele ponto a pobreza sua virtude favorecida.

Pouco depois que voltou a Assis, fazendo oração na igreja de São Damião, distante como quatrocentos passos da cidade, que estava ameaçando ruína, ouviu uma voz como que saía de um Crucifixo, que lhe mandava reparar aquela igreja. Pareceu-lhe que era a voz do mesmo Jesus Cristo; resolveu obedecê-la cegamente; volta a sua casa, toma muitas peças de pano, parte a Foligno, vende-as todas e também o cavalo que as levava; volta a Assis, mas vai em direitura à casa do capelão que cuidava da igreja de São Damião; roga-lhe que o hospede nela e entrega-lhe todo o dinheiro dos gêneros que havia vendido para que se reparasse aquela igreja. O capelão convém gostoso em hospedá-lo em sua casa; mas não houve forma de admitir o dinheiro que lhe oferecia, por não ter questões nem pleitos com seu pai; e Francisco pôs o dinheiro sobre uma janela. Esteve alguns dias em companhia do bom capelão, empregando-os em jejuns, em vigílias, em disciplinas e em oração, até que ao cabo deles viu vir seu pai cego de cólera e gritando que seu filho o havia roubado. Escapou-se o Santo por evitar aqueles primeiros ímpetos e por alguns dias esteve escondido numa gruta; mas acusando depois sua covardia, saiu daquele retiro determinado a sofrer tudo o que se lhe oferecesse: deixa-se ver nas ruas de Assis totalmente desfigurado e asqueroso; creem todos que perdeu o juízo, e num instante vê-se perseguido pela gritaria e pelos assobios dos meninos. Acudiu seu pai ao ruído e à algazarra; leva-o a casa arrastando; acrescenta pauladas às repreensões; encerra-o num quarto como a louco; e oferecendo-se-lhe por então uma

viagem, deixou muito encarregado a sua mulher que o tivesse em boa custódia. Desconfiada inteiramente a mãe de vencer a constância de seu filho, pô-lo em liberdade; e Francisco voltou a São Damião em companhia daquele bom clérigo. Noticioso Bernardone do que se passava ao voltar de sua viagem, parte direito a São Damião, com mais sentimento de perder seus panos que de perder seu filho; mas este, cheio de novo valor e animado do espírito de Deus, sai-lhe ao encontro e lhe diz: «Pai, eu sou mais filho de Deus que teu; não quero servir senão àquele: tu já não tens nada comigo, porque estou em serviço de melhor amo que tu.» — «Sendo isto assim, respondeu o pai, restitui-me meu dinheiro e vem renunciar tua herança diante do bispo.» — «Pois me apraz», replicou Francisco; e logo que se viu em presença do bispo, sem dar lugar a que seu pai falasse palavra, despojou-se de todos os seus vestidos, ficando-se só com um cilício largo que o mortificava e o cobria; entregou-os a seu pai e lhe disse: «Até agora te chamava pai; daqui em diante direi com mais confiança: Pai nosso, que estais nos céus.» Assombrado e enternecido o bispo à vista de tão generoso despojo, abraçou-o e cobriu-o com sua roupa, até que se achou com o capisaio de um pastor, com o qual o agasalhou; e dando-lhe sua bênção, despediu-o e enviou-o a sua ermida.

Era Francisco à sazão de vinte e cinco anos quando, rotas todas as cadeias da carne e sangue e desprendido de todos os bens temporais que o haviam detido no século, partiu a buscar uma solidão muito distante dali, cantando pelos caminhos os louvores do Senhor em língua francesa. Encontrou-se num bosque com uns ladrões; regalaram-no com muitas pauladas e lançaram-no num buraco cheio de neve. O grandíssimo consolo que teve em padecer alguma coisa por amor de Jesus Cristo desforrou-o com vantagens dos maus-tratos; e o Santo contava depois este suceso como uma das boas fortunas que havia tido em sua vida.

Chegando a Gubbio, reconheceu-o um amigo seu, hospedou-o em sua casa e vestiu-o com uma pobre túnica. Crescendo cada dia mais e mais seu amor a Jesus Cristo, pôs-se a servir os leprosos no hospital e, conhecendo que voltava a rebrotar o nojo e a repugnância, arrojou-se sobre o pobre que lhe causava mais horror, abraçou-o, beijou-o, e no mesmo ponto o leproso ficou inteiramente são. Mas lembrando-se de que Jesus Cristo lhe havia mandado reparar a igreja de São Damião, voltou a Assis, pediu esmola para repará-la e saiu-se com isso. Ele mesmo trabalhava com os serventes e pedreiros, de maneira que em breve tempo se viu reedificada a igreja; cujo suceso o animou a empreender também a reedificação da igreja de São Pedro e igualmente se saiu com este intento.

Estava abandonada e quase inteiramente arruinada a igreja de Nossa Senhora dos Anjos, por outro nome a Porciúncula, chamada assim porque era uma porçãozinha de certa posse que tinham ali os monges Beneditinos. Inspirou-lhe o desejo de repará-la o terno amor e a extraordinária devoção que professava Francisco à santíssima Virgem. Conseguiu-o à custa das esmolas e de seu trabalho. Esta igreja, distante seiscentos passos de Assis, foi onde o Santo recebeu depois tão grandes favores do céu e foi também como o berço de sua seráfica Religião. Ouvindo um dia missa nela e cantando-se aquelas palavras do Evangelho em que diz Jesus Cristo a seus discípulos: «Não queirais ter ouro, nem prata, nem dinheiro; nem em vossas viagens leveis alforje, duas túnicas, nem sapatos, nem bordão» (Mt 10), de repente sentiu-se Francisco alumiado com uma luz sobrenatural e inflamado seu coração com um novo acendidíssimo desejo de aspirar à mais elevada perfeição; e conhecendo que isto era pontualmente o que Deus queria dele, tomou por

regra o conselho evangélico que acabava de ouvir. Ao ponto descalçou os sapatos, pôs de lado o bordão, renunciou para sempre ao dinheiro, ficou com uma só túnica e, lançando de si o cinto de couro com que a tinha presa, cingiu-se com uma tosca corda. Depois que praticou à letra, nesta conformidade, o mais perfeito que havia ouvido, sentiu no interior vivos impulsos de sair em público a pregar penitência. Como o exemplo acompanhava as palavras, não é possível contar o número sem número de conversões que fez logo que começou a pregar. Ficavam todos atônitos, e ninguém o podia ouvir sem converter-se. Seus sermões eram simples, mas sólidos e eficazes. Alguns, não contentes com ouvi-lo, quiseram imitá-lo e, deixando tudo quanto tinham, puseram-se sob sua direção e governo. O primeiro foi um cidadão de Assis chamado Bernardo de Quintavalle; o segundo um cônego da mesma catedral, por nome Pedro de Catânia; e o terceiro foi o beato Frei Gil, a quem o Santo escolheu por companheiro.

Logo que Francisco se viu com estes três discípulos, determinou formar deles como uma congregação para ir por todas as partes pregando penitência. Cresceu logo até sete o número de seus companheiros e em breve tempo chegou ao número de doze. Então, tomada a bênção e recebida a missão do bispo, aqueles novos apóstolos espalharam-se por todas as partes pregando penitência. Chamavam-nos os Penitentes de Assis e não eram conhecidos por outro nome; mas à vista das portentosas conversões que fizeram, veneraram-nos como a homens extraordinários enviados por Deus para reformar os costumes de todo o mundo cristão e para mudar o semblante de todo o universo, tanto com a eficácia de suas palavras como com a virtude de seus assombrosos exemplos.

Este foi o nascimento daquela religiosíssima família, tão célebre em toda a redondez da terra pela evangélica perfeição de seu instituto, por um infinito número de Doutores, de Mártires e de Santos; uma das mais nobres e mais preciosas porções do rebanho de Jesus Cristo, que por o longo espaço de mais de quinhentos anos é a admiração de todo o universo, objeto eterno da veneração do público e um dos mais brilhantes ornamentos da Igreja. Esta seráfica Ordem, cuja santidade respeitam todas as nações, tem dado à Sé apostólica quatro grandes Pontífices, Nicolau IV, Alexandre V, Sisto IV e Sisto V; um prodigioso número de Bispos, Arcebispos, Patriarcas e Cardeais, com tanta multidão de exemplares religiosos que, ainda vivendo o santo Fundador, se contavam mais de seis mil.

Vendo São Francisco que cada dia ia crescendo mais e mais o número de seus discípulos, compôs uma Regra que em termos muito simples continha os mesmos preceitos que lhes havia dado, e quis que seus filhos a guardassem como segunda Lei depois do Evangelho. O bispo de Assis, com quem o Santo consultava todas as suas coisas, era de parecer que se reservassem algumas rendas para prover à subsistência dos frades; mas São Francisco manteve-se firme em seu ditame e não quis absolutamente que tivessem outras rendas que as da divina Providência e caridade dos fiéis.

Era já preciso que se confirmasse o novo Instituto e para este fim nosso Santo partiu a Roma; mas o papa Inocêncio III não quis nem sequer que lhe falassem no ponto, tratando de iluso e de visionário o santo Patriarca. Não se desalentou Francisco por este mau recebimento; antes retirou-se com humildade e recorreu à oração. Aquela noite teve o Papa um sonho em que lhe pareceu que nascia a seus mesmos pés uma pequena palma, a qual em breve tempo crescia até ser uma árvore robusta e corpulenta, notando também que aquele pobre a quem havia despedido com

tanto desagrado sustentava com suas costas a igreja de São João de Latrão que, desnivelada já, vinha com lastimoso estrago a dar em terra. Logo que despertou mandou buscar Francisco e, apenas o ouviu falar, reconheceu entre aquele ar de humilde simplicidade um dos maiores Santos da Igreja. Abraçou-o, animou-o a levar adiante sua empresa; aprovou de viva voz a Regra e, ordenando-o primeiro de diácono, declarou-o depois ministro-geral.

Cumulado São Francisco de favores e de bênçãos do Sumo Pontífice, saiu de Roma com seus doze companheiros, determinados todos a morrer a si mesmos e viver unicamente com a vida de Jesus Cristo. Tendo chegado ao vale de Espoleto, consultaram entre si se seria mais seguro para eles ficar naquela solidão para não ter mais comércio que com Deus. Mas numa fervorosa oração que teve nosso Santo, o Senhor lhe deu a entender que os havia escolhido para trabalhar na salvação das almas, pregando penitência em todas as partes, assim com seus exemplos como com seus sermões. Cientes já da vontade de Deus, voltaram à igreja da Porciúncula, que lhes havia cedido a religiosa generosidade dos Padres Beneditinos. No princípio construiu Francisco algumas poucas celinhas; mas em breve tempo concorreu de todas as partes tanto número de pretendentes a sê-lo no de seus filhos que foi mister fabricar muitos conventos. Clamaram por eles Cortona, Arezzo, Vergoreta, Pisa, Bolonha, Florença e outras muitas cidades; de maneira que em menos de três anos se contavam mais de sessenta mosteiros. Não foi o menor dos milagres de São Francisco esta propagação tão prodigiosa e tão pronta de sua religiosa família; mas um dos maiores milagres que se viram na Igreja de Deus foi a própria vida deste portentoso Santo.

Nenhum dos quantos veneram os altares lhe fez vantagens na mortificação. Seu jejum era contínuo, sem que jamais se dispensasse nele por seus excessivos trabalhos. Quase nunca comia coisa cozida e sempre negou a seus sentidos tudo aquilo que os podia afagar. Se no que lhe davam de esmola encontrava algum gosto particular, por mínimo que fosse, que lisonjeasse o apetite, logo o temperava com cinza. Tratava seu corpo com tanto rigor e com tanto desprezo que o chamava o jumento; e a seu gosto só se havia de sustentar com cardos silvestres. Sua cama ordinária era a nua terra e uma dura pedra por travesseiro. Seu hábito em todos os tempos era uma só túnica, sem aproximar-se nunca da lareira no mais rigoroso do inverno, suprindo a falta do fogo material o do divino amor que o abrasava; parecendo-lhe que não o podia reconhecer Jesus Cristo por discípulo seu se não crucificasse sua carne e a macerasse com extraordinário rigor. Sendo muito brando e muito compassivo com seus filhos, só era severo consigo; nem em seu zelo se advertiu jamais o menor assomo de amargura. Depois de haver empregado o dia em pregar, em servir aos enfermos e em todo gênero de obras de misericórdia e exercícios de caridade, passava a maior parte da noite aos pés de um Crucifixo ou diante do santíssimo Sacramento, desfazendo-se em lágrimas. Não só se mostrava um serafim todo abrasado de fogo nos frequentes arroubos que padecia, visitando-o neles Jesus Cristo e a santíssima Virgem, mas todas as suas orações eram uns êxtases contínuos. Seu semblante estava sempre inflamado com aquele fogo divino que o abrasava dia e noite; por isso o chamavam o Serafim humano e por isso se deu o nome de Seráfica a sua sagrada Religião. Mas o que dava maior relevo a sua elevadíssima virtude era sua profundíssima humildade. Não houve no mundo homem puro mais humilde que este grande Santo. Em meio de tão extraordinários favores do céu, não cria que houvesse em toda a terra maior pecador que ele. Achando-se tão iluminado com aquelas divinas ilustrações, com aquelas luzes sobrenaturais que recebia em sua íntima comunicação com Deus, em força das quais havia logrado aquele compreensivo conhecimento da Religião que só Deus pode comunicar a uma alma querida

e privilegiada, Francisco nunca saía de sua primeira simplicidade e, penetrado intimamente de seu nada, tinha-se por mais desprezível que o mais vil verme da terra. Nunca se pôde resolver a ordenar-se sacerdote e, por este mesmo espírito de humildade, deu a sua Ordem o nome da Religião dos frades Menores. Enfim, resplandeciam tanto em todo o mundo as virtudes de São Francisco, era tão admirada sua eminente santidade que o menos que assombrava a todos, tanto aos grandes como ao povo, eram seus estupendos milagres. Por isso nunca se deixava ver no púlpito sem que todo o auditório se desfizesse em lágrimas; sem que houvesse sermão nem ainda conversação particular a que não se seguissem ruidosas e admiráveis conversões. Achando-se em Roma, onde conseguiu que o cardeal Hugolino fosse nomeado protetor da Ordem, o Papa quis ouvi-lo pregar. Foi muito brilhante e muito autorizado o auditório; mas muito mais maravilhoso foi o fruto de sua pregação: compungiram-se os Cardeais, e o Papa não pôde conter as lágrimas todo o tempo que durou o sermão.

Enquanto os filhos de São Francisco se iam estendendo por todo o universo com tão imenso fruto, inspirou Deus a Santa Clara que se pusesse debaixo de sua direção. Fez com ela tão vantajosos progressos no caminho da perfeição que, renunciando os grandes bens que possuía, a exemplo de seu santo Diretor, foi fundadora de uma das mais santas e mais ilustres religiões de monjas que há na Igreja de Deus. Dispôs-lhes São Francisco uma Regra conforme a seu primeiro Instituto, chamando-se no princípio as Senhoras pobres e depois as Clarissas ou as religiosas de Santa Clara.

Movidas dos sermões e dos exemplos de São Francisco e de Santa Clara, inumeráveis pessoas casadas de um e outro sexo desejavam todas retirar-se aos claustros para passar em penitência os dias da vida; mas fazendo-as reconhecer nosso Santo que em todos os estados se podiam santificar e que não era incompatível o conjugal com uma vida cristã e penitente, deu-lhes certa forma de vida proporcionada a seu estado, e esta foi a terceira Regra de sua Ordem. Deu o nome de irmãos e de irmãs aos que queriam entrar nesta espécie de congregação, que se chamou a Ordem Terceira, a qual floresce hoje no mundo com muito bem e honra da santa Igreja.

Vendo o santo Patriarca as bênçãos que derramava Deus sobre sua recém-nascida Religião, estendida já por todas as províncias da Itália, todavia se considerava como servo inútil e se tinha por tal. Mas ao passo que crescia por instantes seu terno amor a Jesus Cristo, inflamava-se cada dia mais sua ardente caridade aos próximos; e já a Europa inteira lhe parecia estreito campo a seu zelo. Com resolução de passar à Síria para anunciar o Evangelho aos sarracenos, tomou o caminho de Roma para pedir ao Papa a licença e sua bênção.

Obteve de Sua Santidade tudo quanto desejou; e tendo fundado em Roma um convento, embarcou-se para a Síria. Arrojou-o uma tempestade às costas da Esclavônia e viu-se precisado a restituir-se à Itália. Tinha-o inquieto o ansioso desejo do martírio; e movido dele passou à Espanha, com ânimo de embarcar-se para a África, esperando sempre encontrar nos mouros a coroa por que suspirava. Em todas as cidades por onde transitou deixou insignes provas do poder que Deus lhe havia concedido sobre as enfermidades, sobre os elementos e sobre a mesma morte, fazendo em todas milagres estupendos; mas por uma longa enfermidade que lhe sobreveio viu-se em precisão de retirar-se à Itália pela segunda vez. Foi-se a seu primeiro convento de Nossa Senhora dos Anjos, onde aperfeiçoou seu Instituto com a adição de algumas novas constituições. Dali passou ao monte Alverne, onde o conde Orlando de Catânia, que o venerava como a seu pai, lhe havia fundado um

convento. Aqui passou algum tempo empregando-o nas doçuras da contemplação e converteu um ladrão famoso. De Alverne foi ao Vale de Faviano, outra solidão que também era muito de seu gosto; e desde ela enviou seus frades às missões da França, da Inglaterra e da Alemanha, onde em breve tempo viu apressar-se todas as cidades por ter religiosos de São Francisco e por fundar-lhes mosteiros.

Tendo morrido Inocêncio III, depois do concílio geral de Latrão, nosso Santo passou a Roma para obter de seu sucessor Honório III a confirmação de sua Ordem. Recebeu-o o novo Pontífice com toda a ternura e com toda a veneração que merecia tão ilustre santidade: confirmou a Ordem com uma bula e concedeu-lhe grandes e singulares privilégios. Por ocasião desta viagem a Roma conheceram-se pela primeira vez São Domingos e São Francisco e estreitaram aquela santa irmandade que os santos Patriarcas comunicaram a seus filhos em tanto bem e proveito da Igreja.

Quando voltou a seu convento de Nossa Senhora dos Anjos, que foi no ano de 1218, celebrou nele aquele famoso capítulo geral que se chamou o capítulo das Esteiras, porque delas principalmente se levantaram num espaçoso campo as celas necessárias para mais de cinco mil frades que concorreram a ele, formando-se outras de juncos e de ramos. Não viu o mundo espetáculo mais assombroso nem de maior edificação. Comunicado o espírito do pai a todos os filhos, veneraram-se naquele capítulo tantos santos como religiosos; e longe de serem necessárias exortações nem práticas para acender o fervor, o que deu mais que fazer ao cardeal Hugolino, protetor da Ordem e presidente do capítulo, foi moderar as penitências dos que se excediam nas que prescrevia a Regra.

Depois que se dissolveu aquela numerosa junta, teve notícia São Francisco de que cinco filhos seus, Frei Pedro de São Geminiano e Oto, sacerdotes; Frei Berardo de Corbio, Ajuto e Acúrsio, a quem o mesmo Santo havia enviado a Marrocos a pregar a fé, haviam recebido a coroa do martírio. Com esta ocasião, movido de uma santa inveja, voltou a acender-se-lhe seu antigo zelo e desejo. Partiu, pois, para a Síria, levando consigo alguns religiosos; e tendo chegado a Damieta, apresentou-se ao Sultão e com uma intrepidez digna dos primeiros heróis cristãos declarou-lhe que só havia vindo para manifestar-lhe a falsidade da lei de Maomé e para ensinar-lhe que não havia outro caminho de salvação senão a Lei dos Cristãos. Parecia consequente a coroa do martírio a uma declaração tão esforçada; mas reservava-o Deus para outro martírio de amor. Assombrado o Sultão da santidade de Francisco, enamorado de sua conversação e muito mais da generosidade com que se negou a receber os ricos presentes que lhe oferecia, cumulou-o de honras e despediu-o rogando-lhe que o encomendasse a Deus, pedindo-lhe que o alumiasse; e desconfiado o Santo de derramar seu sangue pela fé, voltou a embarcar-se para restituir-se à Itália.

Retirou-se ao monte Alverne e não se sossegou até que renunciou seu emprego de ministro-geral no bem-aventurado Frei Pedro de Catânia. Descarregado já daquele peso, empregava os dias e as noites em contínua comunicação com Deus e em exercícios da mais rigorosa penitência. Pelo fim da quaresma de São Miguel, que fazia todos os anos, recebeu do céu aquele insigne favor cuja memória consagrou a Igreja com festa particular. Esta foi a impressão das sagradas chagas em seu santo corpo, ao mesmo tempo que o fogo do divino amor abrasava seu coração e o transformava em um serafim da terra. Por mais cuidado que pôs em ocultar aos olhos dos homens aquelas marcas do amor divino, o sangue que derramavam fazia traição a sua humildade e desde ali em

diante todos o chamavam o Patriarca seráfico.

Depois deste martírio do amor mal vivia São Francisco senão de milagre, e as contínuas lágrimas que derramava debilitaram-lhe tanto a vista que quase não percebia os objetos. Os dois anos que sobreviveu à impressão das chagas não foram mais que enfermidades molestas, dores agudíssimas, êxtases contínuos, que o acabaram de consumir, e Deus lhe revelou, enfim, o ditoso momento em que o queria premiar.

Logo que se divulgou a voz de que o Santo havia tido revelação do dia de sua morte, excitou-se entre as cidades vizinhas uma piedosa contenda sobre qual delas havia de possuir o precioso tesouro de seu corpo; mas o mesmo Santo, sem ter notícia do que se passava, declarou-se a favor da de Assis. Achava-se prostrado no convento de Fonte Colombo e mandou que o levassem ao de Nossa Senhora dos Anjos, em cuja igreja havia alcançado de Nosso Senhor o famoso jubileu chamado da Porciúncula, o qual depois confirmaram tantos Sumos Pontífices, assinalando para ele o dia da dedicação da mesma igreja, berço da Religião seráfica, e é o dia segundo de agosto. Logo que chegou ao convento, mandou que lhe tirassem a túnica e que o estendessem no chão para morrer com a mais extrema pobreza, à imitação de seu divino modelo Jesus Cristo, que expirou nu no madeiro da cruz. Deram-lhe aquele gosto; mas ao mesmo tempo tomou o guardião uma túnica velha e uma corda e lha estendeu dizendo: «Dou-te de esmola este hábito como a um pobre; toma-o por obediência.» Obedeceu o Santo; e vendo-se cercado de todos os frades, que se afogavam em soluços e se desfaziam em lágrimas, levantando as mãos ao céu, exortou-os a que conservassem o amor de Deus, o qual era a alma de seu Instituto; a que guardassem com suma pontualidade todas as regras; a que nunca desmentissem aquela rigorosa e perfeita pobreza, que era seu distintivo e seu caráter; a que conservassem com fidelidade e com infinita submissão a fé da Igreja romana; a que professassem terno e ardentíssimo amor à santíssima Virgem, sua querida mãe, e a que mantivessem entre si uma inalterável caridade.

Estendendo depois o santo Patriarca os braços e pondo-os em forma de cruz, suplicou humildemente ao Senhor que lançasse sua bênção sobre todos os seus filhos e que os cuidasse em lugar de pai. Mandou que lhe lessem a paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo o Evangelho de São João; e depois dela começou ele mesmo a rezar com voz lânguida e moribunda o salmo 141: «Com minha voz clamei ao Senhor», isto é, clamei ao Senhor com minha voz, implorando sua assistência. «Derramo diante dele minha oração»: derramo meu coração diante dele e lhe faço presente minha aflição. «Quando meu espírito desfalece em mim»: vendo que me vai faltando o espírito, acudo a Vós, Deus meu, que tendes tão conhecidos todos os meus passos. «Clamei a ti, Senhor, e disse: tu és minha esperança, minha porção na terra dos vivos»: a Vós, Senhor, dirijo meus clamores, dizendo a voz em grito: tu és minha esperança e tu minha herança na terra dos que vivem. Tendo chegado ao último versículo: «Tira da prisão minha alma para que confesse teu nome»: livra, Senhor, minha alma da prisão deste corpo, para que confesse incessantemente teu santo nome; todos os justos esperam que me faças misericórdia, dando-me lugar entre os escolhidos: ao pronunciar estas últimas palavras expirou tranquilamente nas mãos de seus filhos, sábado, 4 de outubro do ano de 1226, aos quarenta e cinco de sua idade, aos vinte e nove de sua conversão e aos dezenove da fundação de sua Ordem.

Mal expirou São Francisco, pareceu ter-se comunicado ao corpo a glória que gozava sua benditíssima alma, exalando aquele um suavíssimo odor que encheu de fragrância toda a cela. Não se ouvia pelas ruas de Assis outra coisa que estas palavras: «Morreu o Santo.» Todos viram a seu contento as sagradas chagas ou sinais das suas que havia impresso Nosso Senhor nas mãos, pés e lado de nosso Santo. Foi levado o santo corpo primeiro ao convento de São Damião, que era o de Santa Clara, para satisfazer sua devoção e a de suas filhas; e dali foi conduzido como em triunfo à igreja de São Jorge, onde havia sido batizado e onde se lhe deu sepultura. Em vista do prodigioso número de milagres que obrou Deus nela, o papa Gregório IX, antes cardeal Hugolino, grande amigo do Santo e testemunha ocular de sua eminente santidade, canonizou-o dois anos depois, o de 1228, no dia 17 de julho, com extraordinária solenidade na mesma cidade de Assis. Logo que se acabaram as funções de canonização, abriram-se os alicerces de uma magnífica igreja, e o mesmo Papa quis pôr a primeira pedra, acabando-se em menos de dois anos o suntuoso edifício; e o de 1230, quando se celebrava o capítulo geral, foi trasladado o santo corpo à nova basílica no dia 25 de maio e colocado numa abóbada debaixo do altar-mor. Encontrou-se o corpo inteiro e sem haver-se descarnado nem consumido, e diz-se que se conserva da mesma maneira sem corrupção, mantendo-se em pé sem nenhum arrimo, com os olhos abertos e um pouco levantados ao céu e o sangue das chagas vermelho e líquido. Duzentos e vinte e três anos depois de sua morte, o de 1449, viu-o nesta mesma postura o papa Nicolau V, acompanhado de um cardeal, de um bispo, de seu secretário, do guardião do convento e de três religiosos, como tudo consta de autêntico instrumento.

Ainda que este grande Santo não se aplicou muito ao estudo das ciências humanas, suprimiu-o Deus com a luz sobrenatural e com a ciência infusa que lhe comunicou, não menos que com os divinos arcanos que se lhe manifestavam na íntima e contínua comunicação que tinha com o Senhor. Além disso tinha uma excelente capacidade e possuía uma eloquência natural que se deixava transluzir por entre os celajes de sua profunda humildade e aquela santa simplicidade que observava perpetuamente em suas palavras e em todos os seus modos; em seus Sermões, em suas Conferências espirituais, em suas Instruções monásticas, naquela admirável obra que se chama o Testamento de São Francisco, em seus Cânticos espirituais, em suas Advertências e em algumas outras obras devotas de nosso Santo, que se têm dado à luz, descobre-se aquela ciência dos Santos que só Deus comunica, aquela sabedoria e aquela sublime inteligência que são dons e frutos do Espírito Santo.

# São Hieroteu, o Divino

Os autores gregos que escreveram comentários sobre os livros de São Dionísio Areopagita confessam que o divino Hieroteu, a quem o mesmo São Dionísio chama seu mestre e se preza de ter sido seu discípulo, foi espanhol de nação e que São Paulo o converteu. Simão Metafraste diz que governou na Espanha algum tempo, ainda que este autor mudou algo o nome, chamando-lhe Filoteu; e isto sucedeu porque o nome próprio deste Santo não era Hieroteu, antes os gregos lho puseram, e quer dizer o consagrado a Deus, ou coisa semelhante, que por isto também lhe puseram título de divino, por ser sua doutrina divina e muito santa sua vida. Suidas e os

comentários gregos dizem que São Dionísio escreveu a vida do divino Hieroteu. O Calendário grego nomeia-o bispo de Atenas e põe seu dia em 4 de outubro, o mesmo que o Martirológio Romano. Que foi espanhol e que o converteu São Paulo é certo; mas São Dionísio diz dele que pregava Cristo em Jerusalém antes que São Paulo viesse à Espanha; e assim seria dos que diz São Lucas que estavam em Jerusalém de todas as nações do mundo. Escreveu vários livros de ciências eclesiásticas, os quais se perderam. (Villegas.)

# Missa (oração)

A missa é em honra de São Francisco, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui Ecclesiam tuam beati Francisci meritis fœtu novæ prolis amplificas: tribue nobis ex ejus imitatione terrena despicere, et cœlestium donorum semper participatione gaudere. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

**Português:** Ó Deus, que pelos merecimentos de São Francisco fecundastes vossa Igreja com uma nova família de filhos, dai-nos graça para desprezar, à imitação sua, as coisas da terra e para colocar sempre nossa alegria na participação dos dons celestiais. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

# Epístola

A epístola é do capítulo 6 da que escreveu São Paulo aos Gálatas.

**Gálatas 6,14-18**

> **Latim:** [14] Mihi autem absit gloriari, nisi in cruce Domini nostri Jesu Christi : per quem mihi mundus crucifixus est, et ego mundo. [15] In Christo enim Jesu neque circumcisio aliquid valet, neque præputium, sed nova creatura. [16] Et quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos, et misericordia, et super Israël Dei. [17] De cetero, nemo mihi molestus sit : ego enim stigmata Domini Jesu in corpore meo porto. [18] Gratia Domini nostri Jesu Christi cum spiritu vestro, fratres. Amen.

**Português:** [14] Mas nunca Deos permitta que eu me glorie, senão na cruz de nosso Senhor Jesu Christo: por quem o mundo está crucificado para mim, e eu crucificado para o mundo. [15] Porque

em Jesu Christo nem a circuncisão, nem a incircuncisão valem nada, mas o ser huma nova creatura. [16] E a todos os que seguirem esta regra, paz, e misericordia sobr'elles, e sobre o Israel de Deos. [17] Quanto ao mais ninguem me seja molesto: porque eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus. [18] A graça de nosso Senhor Jesu Christo, irmãos, assista no vosso espírito. Amen.

# Reflexões

*Não queira Deus que eu me glorie em outra coisa que na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo.* Quão poucos cristãos do mundo têm hoje esta linguagem! Contudo, esta devera ser a mais comum a todos os Cristãos, ou ao menos é certo que nenhuma outra lhes convém melhor. Desde que Jesus Cristo se dignou consumar o mistério e a obra de nossa redenção na ara da cruz, a cruz deve ser o distintivo de todos os verdadeiros fiéis. Na verdade, não nos deve distinguir nem a nobreza do sangue nem o esplendor do nascimento. Diante de Deus não constitui nosso mérito nem a elevação do posto que se ocupa, nem a dignidade do emprego que se exerce, nem a abundância dos bens que se possuem e desfrutam. Gloriar-se nesta casta de bens adventícios, por dizê-lo assim, é fazer vaidade de uma glória forasteira. O valor desta casta de bens é arbitrário: segundo o espírito do cristianismo, consideram-se bens falidos à hora da morte. O que então não tem outros fundos sempre morre pobre ou insolvente, como se diz. A cruz de Jesus Cristo enobrece o homem por toda a eternidade; é um título de distinção admitido pelo mesmo Deus, é um insondável fundo de méritos, é um verdadeiro tesouro, mas tesouro profundamente enterrado para inumeráveis cristãos. A cruz, diz o Apóstolo, é matéria de escândalo para os judeus e assunto de burla para os gentios; mas pergunto: é hoje mais estimada nem mais venerada pela maior parte dos Cristãos? «Não queira Deus», diz o Apóstolo, «que eu me glorie em outra coisa que na cruz de meu Senhor Jesus Cristo.» Esses grandes do mundo, criados entre o esplendor, as diversões e os regalos; essas mulheres profanas, eternamente ocupadas em galas, em modas, em vãos passatempos e em inutilíssimas recreações; esses homens, verdadeiros filhos deste século, funestas vítimas da ambição e do interesse; esses escravos da diversão, que só tomam gosto ao que lisonjeia os sentidos e fomenta as paixões; esses ricaços, idólatras do dinheiro e dos miseráveis bens desta vida; e até essas mesmas pessoas devotas, que querem juntar a virtude com um esquisito esmero em solicitar suas conveniências e com um raro primor em procurar todas as comodidades; todas essas gentes que se chamam cristãs, sentem o mesmo que sentia o Apóstolo? Podem todas dizer com semelhante sinceridade: «Não queira Deus que eu me glorie senão na cruz de meu Senhor Jesus Cristo»? E depois disto não se poderá compreender como é possível que seja tão curto o número dos escolhidos!

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 11 de São Mateus.

**Mateus 11,25-30**

> **Latim:** [25] In illo tempore respondens Jesus dixit : Confiteor tibi, Pater, Domine cæli et terræ, quia abscondisti hæc a sapientibus, et prudentibus, et revelasti ea parvulis. [26] Ita Pater : quoniam sic fuit placitum ante te. [27] Omnia mihi tradita sunt a Patre meo. Et nemo novit Filium, nisi Pater : neque Patrem quis novit, nisi Filius, et cui voluerit Filius revelare. [28] Venite ad me omnes qui laboratis, et onerati estis, et ego reficiam vos. [29] Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum, et humilis corde : et invenietis requiem animabus vestris. [30] Jugum enim meum suave est, et onus meum leve.

**Português:** [25] Naquelle tempo respondendo Jesus, disse: Graças te dou a ti, Pai, Senhor do ceo e da terra, porque escondeste estas cousas aos sabios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. [26] Assim he, Pai: porque assim foi do teu agrado. [27] Todas as cousas me forão entregues por meu Pai. E ninguem conhece o Filho senão o Pai: nem alguem conhece o Pai senão o Filho, e a quem o Filho o quizer revelar. [28] Vinde a mim todos os que andais em trabalho, e vos achais carregados, e eu vos alliviarei. [29] Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração: e achareis descanso para as vossas almas. [30] Porque o meu jugo he suave, e o meu peso leve.

# Meditação

*Da pobreza evangélica*

## Primeiro ponto

Considera que a pobreza evangélica não é puramente de conselho, mas de rigoroso preceito, posto que Cristo indistintamente a intima a todos os fiéis por estas palavras: «O que não renuncia tudo o que possui não pode ser meu discípulo.» Não se pode entender esta renúncia de um geral despojo efetivo de todos os bens como o fez São Francisco e como o fazem todos os religiosos: não pede o Salvador a todos os Cristãos este sacrifício; mas indispensavelmente pede a todos os que querem ser seus discípulos que desprendam o coração de todos os bens da terra; quer que entre a mesma abundância sejam pobres de afeto e de coração. Deixa-nos livre o uso e até o domínio dos bens criados; mas proíbe-nos o apego a eles e muito mais que sejam nosso ídolo. Sê em boa hora rico, se a divina Providência quis que nascesses tal ou se, lançando Deus sua bênção a tua indústria, dispôs que o fosses; mas ainda que possuas as riquezas, não apegues a elas o coração. Este foi criado para bens mais preciosos e mais duradouros; e de duas, uma: ou hás de renunciar o título de discípulo de Cristo ou hás de amar os bens criados com subordinação aos eternos e celestiais. A ninguém exceta o oráculo do Filho de Deus: tanto o príncipe como o vassalo; tanto o pai de famílias como o que não tem sucessão; tanto o homem de negócios como qualquer outro particular, todos estão compreendidos na generalidade deste preceito. Já não é um mero conselho de perfeição; o apego do coração aos bens que se possuem está absolutamente condenado pelo

Evangelho. Devem-se conservar, é assim, os bens adquiridos e os que Deus nos tem dado; devem-se também adiantar, tudo segundo os fins do mesmo Deus; mas em pondo neles o coração, já passaram a ser seu ídolo. Daqui nasce aquela cobiça, aquela ambição, aquela avareza que o Apóstolo chama idolatria. Falando em rigor, as riquezas legitimamente adquiridas não são as que nos fazem pouco cristãos: o afeto e o apego a elas é o que causa esta desordem e o que faz réprobos a tantos ricos. Quantos reis e quantos príncipes poderosos foram Santos? Quantos Santos foram ricos? Não se despojaram das riquezas, mas do apego a elas. Assim como se pode ter apego aos bens da terra, professando a mais rígida pobreza, e pelo mesmo fato deixar de ser discípulo de Cristo, assim também se pode ser pobre em meio da abundância, desprendendo o coração de todo afeto às riquezas por amor de Jesus Cristo.

# Segundo ponto

Considera se será hoje muito crescido no mundo o número dos discípulos de Cristo. São muitos os homens acomodados, os homens ricos que vivem desprendidos deste amor, deste apego aos bens da terra? Não é o amor a eles a paixão dominante em toda classe de pessoas e em toda sorte de estados? Hoje é o interesse a grande mola, a grande máquina que a todos põe em movimento. E esta cobiça será prova de um grande desapego? Solicitam-se os bens temporais com muita tranquilidade e com muita indiferença? Possuem-se sem amor? Perdem-se com resignação? E não se poderá dizer que as riquezas são o ídolo universal que, por dizê-lo assim, substitui entre os Cristãos o lugar que ocupam os outros ídolos no gentilismo? Aonde foi aquele desprendimento tão recomendado no Evangelho, aquele desapego do coração tão próprio dos discípulos de Cristo? Reina ao menos entre aquelas pessoas que, consagradas a Deus especial e solenemente, estão obrigadas por seu mesmo estado a não aspirar a outra herança que à herança do Senhor? Que indigna coisa seria se, depois de haver deixado por amor de Deus todos os seus bens, conservassem apego e amor a eles! Que desordem tão lastimosa se subissem ao altar com um coração profanado pelo amor aos bens temporais! Mas que impiedade será a daqueles que, tendo feito voto e profissão de pobres, querem ter as mesmas conveniências que os ricos, gozar de suas comodidades sem arcar com suas pensões; e, numa palavra, despojar-se de tudo em público, mas solicitando que nada lhes falte em segredo! Com que cara se gloriará de ser discípulo de Cristo o que conserva uma paixão e um apego tão contrário ao espírito do Evangelho? Certamente, se o desapego do coração aos bens temporais é necessário com necessidade de preceito até às pessoas do mundo, com que tranquilidade de consciência poderão os eclesiásticos e os religiosos conservar apego a eles?

Não permitais, Senhor, que meu coração se deixe jamais prender desses bens terrenos. Quero ser discípulo vosso e, mediante a assistência de vossa divina graça, quero também possuir todas as virtudes e todos os requisitos de tal.

# Jaculatórias

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. (Mt 5.)

Se abundardes em riquezas, não ponhais nelas o coração. (Sl 61.)

# Propósitos

1. Sendo Deus o autor de todas as condições e de todos os estados dos homens, ninguém por si mesmo está excluído da pátria celestial. Tanto direito têm a ela os ricos como os pobres e em sua mesma condição encontram os meios de que tanto necessitam para ser Santos. A comparação do camelo; as fortes expressões do Evangelho, que na verdade são pouco vantajosas aos ricos; os anátemas que fulmina a Escritura contra os homens poderosos e opulentos; tudo isto só prova a dificuldade de salvar-se num estado onde tudo tenta e tudo lisonjeia as paixões. Mas não são precisamente as riquezas as que formam esta dificuldade, mas o apego do coração a elas. Quer Deus que haja ricos no mundo; mas não quer que ponham seu coração em seus tesouros, e isto é o que raras vezes sucede. Examina-te tu e vê se te achas no caso. Olha, diz São Gregório, se, em lugar de possuir os bens temporais, não estás tu possuído deles; se tu os possuis a eles ou eles te possuem a ti. Não terás nada que reformar nesse apego, nessa cobiça, nessa ânsia por adquiri-los? Não quer Deus que descuides de teus bens temporais, antes quer que os cuides, que os adiantes; mas não quer que faças deles teu ídolo. Se queres ser seu discípulo, regula desde logo teu coração sobre este ponto; e para isto faze todos os dias, pela manhã e pela noite, um sincero desapropriar-se de todos os teus bens aos pés de Jesus Cristo. Dize-lhe com sinceridade que lhe rendes muitas graças pelos bens temporais que se dignou conceder-te; mas que renuncias com toda a alma todo apego e toda inclinação a eles, não querendo ter outra senão aos bens eternos.

2. Acredita este desinteresse com tua conduta. Se te sucede alguma perda, volta-te a Deus e dize com o santo Jó: «O Senhor deu, o Senhor tirou: como foi do agrado do Senhor, assim se fez; seja bendito o nome do Senhor.» Nem te alegres porque se adiantam teus negócios, nem te entristeças porque se perdem. Esta igualdade de humor e de uma conduta sempre inalterável é a melhor prova de teu desprendimento.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:53:16 by Admin
Updated 20 November 2026 20:53:16 by Admin